

“O HOMEM E A MULHER” — VISÃO DO POETA

Eunaldo Verdi *

O maior acontecimento cultural de 1980 em Santa Catarina me parece ter sido o lançamento do livro “O Homem e a Mulher”, de Alcides Buss (1). Outros, por razões diversas da minha, quando não, por comprometimentos diversos, destacarão fatos de maior relevância que este. Na verdade, o lançamento de um livro, por si só, não constitui, nos dias de hoje, um evento excepcional. É até um fato corriqueiro. Este, porém, apresenta algumas características que convém ressaltar.

Em primeiro lugar, o simples fato do autor assumir a edição e a distribuição do livro adquire alguma relevância em nosso meio. Não é comum autores já consagrados pela crítica e pelo público aventurarem-se pelo caminho da auto-edição. Este tem sido, nas últimas décadas, um procedimento mais comum aos jovens poetas, via-de-regra, numa tentativa de conquistar seu próprio público. Fato contínuo, aparece sempre uma editora disposta a tomar parte nas edições, visto tornar-se um empreendimento de riscos menores. O próprio Alcides não fugiu à regra: começou com edição própria, teve passagem por um concurso literário e chegou a uma editora. O ato de assumir a própria edição toma, portanto, nestas circunstâncias, conotações mais de ordem política que publicitária. Significa que o poeta, consciente da marginalização a que está sujeito todo artista no mundo contemporâneo, resolve assumir seu compromisso com a arte e com o público sem se submeter à dinâmica capitalista.

Este não é certamente um comportamento de ocasião. Ele acompanha o poeta desde o início de sua carreira, mais notadamente a partir do lançamento de seu último livro, “Ahsim”, em 1976. Haja vista sua participação, sob várias maneiras exemplar, no grupo responsável pela revista *CORDÃO* e, mais recentemente, pelo lançamento do seu “Projeto Alcapão”, destinado à distribuição “mano a mano”.

Por outro lado, o evento assinala o transcorrer dos primeiros 10 anos de produção poética de Alcides Buss e lhe tributa maturidade literária. O presente livro mostra-nos o poeta no pleno domínio de seu estilo e de uma forma literária que o credencia a ocupar lugar destacado entre os modernos poetas brasileiros. Esta maturidade não é gratuita. É o resultado desses 10 anos (um pouco mais, se considerarmos a sua obra avulsa) de busca incessante do aperfeiçoamento estético.

Traçar o perfil dessa evolução estética em Alcides Buss, desde suas primeiras investidas pelos sonetos, passando pelas experiências vanguardistas, até atingir a maturidade acima referida, é tarefa que não cabe nos limites de uma simples resenha como esta. Diria

(1) BUSS, Alcides. *O Homem e a Mulher*: poemas; Joinville, Edição do Autor, 1980.

apenas, ainda que sumariamente, que seus livros anteriores estão marcados sobremaneira por uma insistente busca do que há de mais moderno em termos de técnica de construção poemática, não apenas no sentido de aparelhar-se delas, mas de dominá-las mesmo, num paciente exercício de aprendizagem formal. A par disso, no entanto, parece-me que houve um certo afrouxamento, por conta da intuição, quanto à elaboração temática, que a meu ver nem sempre acompanhou a disciplinada busca do domínio técnico da arte de escrever. Nem por isso podemos acusá-lo de desvios formalistas, apesar do experimentalismo ser-lhe uma constante. Pelo contrário, devido talvez à sua sólida formação humanista ou, quem sabe, seu engajamento na realidade, próprio dos grandes poetas, vem produzindo uma poesia crescentemente vigorosa, atual e participante.

Parece, pois, adequado atribuímos à evolução poética de Alcides Buss, dois momentos distintos: um primeiro, marcado pelo apuro técnico do fazer poético; e um segundo, já marcado pela presença de uma forma poética no sentido mais apropriado do termo, isto é, onde a temática e a técnica de construção formam um todo compacto.

Em "O Homem e a Mulher" detectamos ainda alguns poemas característicos do primeiro momento: impecáveis tecnicamente e, ao mesmo tempo, tematicamente fluidos, beirando mais à naturalidade que à elaboração. Se o poeta dispõe da palavra, material poético por excelência, com habilidade de mestre, falta, muitas vezes, atribuir-lhe um sentido mais profundo, dar-lhe maior concretude através do estabelecimento de uma relação objetiva entre a temática poética e sua elaboração formal. No caso, a temática da relação entre o homem e a mulher, a qual chamamos mais apropriadamente de amor.

Ora, o amor na sociedade ocidental contemporânea já não se dá a não ser de maneira problemática. Fala-se, até, numa desintegração, numa degeneração mesmo do amor, na sua estreita relação com os valores alienantes do mundo capitalista, aos quais o homem contemporâneo raramente se escapa. Então, as relações entre o homem e a mulher, nessas condições, já não são mais relações harmônicas e que possam ser tratadas, digamos, de forma linear, no sentido da afirmação ou exaltação do amor que permeia tal relação. Ela estará inevitavelmente mediatizada, problematizada pela dor de uma consciência que sente essa desagregação e sofre com isso, por sentir-se impotente diante das forças que se opõem ao amor.

E aí vem o segundo momento de "O Homem e a Mulher". A partir de "Rituais do Sexo" presenciamos a uma progressiva tomada de posição diante das tantas mediações que permeiam e, ao mesmo tempo, problematizam as relações entre homens e mulheres. Chegamos ao auge desta abordagem em poemas vigorosamente construídos como é esse "Poema às Secretárias" e essa "Visão do Artista". Neste último, o poeta nos dá, na exata medida, todo seu posicionamento diante do tema. Descobrimos, então, que o mesmo não está em absoluto desatento às implicações que afetam as relações amorosas na sociedade moderna. O poema funciona aí como uma espécie de manifesto estético. De sua leitura se depreende que o poeta não só é capaz de construir um poema do mais elevado apuro e perfeição estética, mas também, mostra-nos sua posição diante da problemática do amor, objeto do livro. É, em suma, a visão do poeta frente ao objeto da criação e ao ato criador em si. Nisso, ele se redime pela parte, digamos assim, fraca de seu livro, porque dá a entender que tudo ali é propositadamente colocado nos seus devidos lugares.

Talvez porque quisesse fazer um balanço de seus 10 anos de poesia neste livro comemorativo. Talvez porque quisesse traçar uma espécie de trajetória do amor rumo à sua degradação no mundo capitalista. Assim, o livro começa tratando do amor em seu estado puro, na forma mais elevada de sua expressão, e termina por apresentar a situação, sob todas as formas problemática, de dois seres se encontrarem, desejarem-se, não para realizarem-se no amor, mas para degradarem-se nele. Não é outra a problemática do poema que dá título ao livro. E não é em vão que está colocado sob forma de epílogo. Citaria ainda “Amor no Cais”, “Anti-Suicídio de Glória” e “Suicídio Final da Boa, Guerreira e Cativa Margot” como expressões dessa situação. Na verdade, gostaria de poder citar também aqui a presença de “Empregadas”, o mais belo “canto” sobre a degradação no amor já produzido pelo poeta.

Alguém, menos atento, poderia perguntar: a que se reduziu a função básica do poeta, que é a de humanizar o mundo, especialmente este mundo alienado e alienante, com a sua poesia? Eu diria que não será enchendo a boca das pessoas de melosas “canções” de amor que ele conseguirá isso. Aí ele estaria contribuindo ainda mais para a alienação do homem e desintegração do amor, porque estaria falseando a visão da totalidade humana, determinada, antes de tudo, pela estrutura específica da sociedade em que vivemos. E o poeta chega à visão totalizante, hoje, problematizando essas relações que por si só já são problemáticas.

E isso o poeta consegue tão-somente na medida em que, atento às questões da mais atual e moderna técnica de construção do verso, não perca de vista a essencialidade e a atualidade dos temas que vai abordar. Só com a atenta e cuidadosa elaboração destes dois componentes básicos e imprescindíveis do poema, é que ele chegará a uma forma poética efetivamente vigorosa, capaz de despertar no leitor a consciência de sua realidade.

Eis que Alcides Buss consegue isso em grande parte dos poemas inseridos nesse “O Homem e a Mulher”, especialmente os já citados aqui. Sua produção posterior, de que temos conhecimento, só vem a confirmar isso e nos dar a certeza de que podemos esperar muito mais de sua parte, porque sua obra não está acabada.

Eis porque considero a publicação de “O Homem e a Mulher” o maior acontecimento cultural do ano passado. E isso não se deve apenas ao fato de nos revelar um poeta maduro, no pleno domínio do seu estilo, mas porque nos revela, sobretudo, um grande poeta, sem dúvida, o maior poeta catarinense da atualidade.

* Aluno de Pós-Graduação em Letras — opção Literatura Brasileira — UFSC. Atualmente elaborando sua Dissertação de Mestrado.